

Últimos livros

Era de dicionários

Wilson Martins

A literatura brasileira, ao que parece, entrou definitivamente na era dos dicionários, o que não deixa de ser um bom e, mesmo, um excelente sinal, se pensarmos no que isso significa em termos de maturidade e organização racional do trabalho. Depois do **Quem É Quem nas Artes e na Letras do Brasil** (1966), publicado pelo Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores para uso exclusivo dos serviços diplomáticos e, por isso, fora de comércio, surgiram o **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira** (organizado e dirigido por José Paulo Paes e Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1967) e, no mesmo ano, o **Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira**, de Celso Pedro Luft (Porto Alegre: Globo). Agora, vencendo os limites e as limitações do manual, em que essas obras se situam, para alcançar o plano mais ambicioso da grande enciclopédia bibliográfica, o **Dicionário Literário Brasileiro** ilustrado, do sr. Raimundo de Menezes (5 volumes. São Paulo: Saraiva, 1969), vem responder à necessidade de bons instrumentos de trabalho, assinalada, no prefácio, pelo sr. Antônio Cândido. Basta dizer, acrescenta êle, que "ainda dependemos em muitos casos do prestante mas obsoleto Sacramento Blake, que escreveu no fim do século 19 e, por incrível que pareça, ainda não foi substituído por dicionário mais novo e igualmente amplo". No verbete que lhe consagra o sr. Raimundo de Menezes, o **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, de Sacramento Blake, é qualificado de "obra raríssima e valiosa"; valiosa continua sendo, apesar de tudo; contudo, já não é mais raríssima, nem mesmo rara: não será a menor surpresa desta época de dicionários que os sete volumes acabam de ser reproduzidos fotograficamente e impressos na Alemanha (Nendeln, Liechtenstein, Kraus Reprinte, 1969!) Não menos significativa do favor e da popularidade das obras de referência é a segunda edição do **Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega**, que começa a ser publicada em Portugal; da escassez absoluta passamos de repente para o excesso de riqueza. Seja como for, o **Dicionário Literário Brasileiro** substitui e completa com vantagem o de Sacramento Blake; basta assinalar a sua atualização e a inclusão de toda a imensa literatura do século 20, sobre a qual, precisamente, as informações biobibliográficas são mais escassas e de acesso menos fácil.

São poucos, realmente, os nomes, as obras e as datas que o sr. Raimundo de Menezes deixou de registrar, muitos deles referentes a fatos posteriores, com toda a certeza, à impressão dos volumes: assim, o falecimento de Júlio de Mesquita Filho (1969), Serafim Leite (19 ?), Adelino Magalhães (1969), Manoelito de Ornelas (1969) e Tasso da Silveira (1968). Entre os escritores que, sem dúvida, mereciam um verbete, estariam o hoje injustamente esquecido C. Doliveira, autor da estranha novela **Esperando a Morte** (1929), para não falar de Guilhermino César, Bento Munhoz da Rocha Neto, Arnaldo Pedroso d'Horta e Rubem Fonseca. Antônio Bulhões surgiu tarde demais para que o seu nome fosse incluído, mas êle aparecerá, creio eu, nas futuras reedições. Essas omissões, justamente por serem tão pouco numerosas e relativamente desculpáveis, testemunham do cuidado e da seriedade com que o sr. Raimundo de Menezes enfrentou a sua tarefa. Não há dicionário perfeito, e estes volumes, se despertam alguma reserva, devem, contudo, ser mais louvados e apreciados pelos aspectos positivos dos seus defeitos do que censurados e condenados pelos aspectos negativos das suas qualidades. Por singularidade, um dos verbetes mais repletos de erros de fato é aquele com que me honrou o sr. Raimundo de Menezes: (fazendo-me nascer em 1931 (o que eu tanto desejaria!) e concluir o curso de Direito em 1944, êle apenas vem reforçar a lenda de menino prodígio em que a família sem nenhuma justificativa se comprazia. Não me queixo, porém; e menos ainda de figurar como filho de minha mulher. Com isso, fico livre de uma boa metade do meu complexo de Édipo, o que, aliás, nos dias que correm, não será motivo para muita vanglória (ou talvez seja, não sei). É certo que jamais encontrei pessoalmente Gilberto Amado, nem tive com êle qualquer espécie de relações; assim, foi outro Gilberto que me distinguiu com a indicação do meu nome para tomar parte no grande inquérito internacional da Unesco sobre a democracia (1948). Trata-se de Gilberto Freyre, no caso — registremo-lo mais uma vez, porque o mesmo engano se encontra no **Dicionário de Autores Paulistas**, de Luís Correia de Melo (1954). Enfim, já que estamos em veia de retificações, seria útil embora melancólico, reduzir para apenas uma (1947-1948) as bolsas de estudo que me concedeu o Governo Francês. Da mesma forma, não gostaria de passar por simulador, deixando correr a notícia de servir ou de haver servido como professor contratado da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Os erros dos dicionários biobibliográficos sofrem da viciosa tendência de se perpetuar de autor para autor, uma vez que, como é natural, cada um deles toma os anteriores por inevitáveis pontos de referência; mas a tendência contrária também existe e conduz à gradativa depuração dos enganos e das incorreções. O sr. Raimundo de Menezes utilizou largamente, como não podia deixar de ser, o **Quem É Quem**, do Ministério das Relações Exteriores, e o **Dicionário de Literatura da Cultrix**; terá sido apenas por inadvertência que não aparecem registrados na bibliografia geral, onde tampouco consta o de Celso Pedro Luft. Mas, êle tem sobre os anteriores a vantagem de conter uma abundante lista de pseudônimos

e uma parte importante dedicada à terminologia literária e a informações sobre escolas, movimentos e instituições culturais. Tudo isso é de um valor inestimável ainda que, bem entendido, as divergências sejam mais numerosas quando se trata de pontos de história ou de crítica do que quando se trata de simples informações factuais. Assim, por exemplo o autor decide depressa demais em favor da existência de uma Arcádia Ultramarina que, segundo parece, teve mais realidade como figura de linguagem do que como associação de literatos; o verbete sobre o Modernismo, prolongando o movimento até aos nossos dias, provocará, com certeza, mais confusões desnecessárias do que os necessários esclarecimentos que se esperam dos dicionários. Mas, diante do neobizantinismo retórico que, por um momento, invadiu as discussões literárias no Brasil, como não agradecer ao sr. Raimundo de Menezes e aos seus colaboradores o terem-nos afinal explicado em que consistem a anaptix, que é uma espécie de epêntese, a anfíbolia, a antapódose e a antimeria? Isso evitará que muitas pessoas tomem a anatonagoge pela antisagoge, ou que confundam a antístrofe com o antísteco; é claro que a antipófora nada tem a ver com a antiptose. E ainda não saímos da letra A, o que, entretanto, bastaria para comprovar que, com efeito, o Modernismo, enquanto movimento literário e estado de espírito, desaparece definitivamente por volta de 1945.

É também na linha dessa floração de dicionários de literatura que se deve incluir o volume do sr. Paulo Tavares sobre as **Criaturas de Jorge Amado** (São Paulo: Martins, 1969). É o "dicionário de todos os personagens imaginários, seguido de índice onomástico das personalidades reais ou lendárias mencionadas, de elenco dos animais e aves com nomes próprios e de roteiro toponímico da obra de ficção de Jorge Amado, totalizando 3.358 verbetes". O autor refere, na introdução, os precedentes ilustres representados pelo famoso repertório da **Comédia Humana**, de Cerfber e Christophe, pelo **Dicionário** de Fernand Lotte e por outras obras semelhantes em literaturas estrangeiras. Mas, não é obra pioneira em nosso país, como pensa o sr. James Amado, se por essa expressão entendermos que ninguém até então compusera um repertório de personagens; há, pelo menos, o **Dicionário de Machado de Assis**, de Francisco Pati (São Paulo: Rêde Latina Editôra, 1958), também inspirado no de Cerfber e Christophe (decididamente um clássico!), compendiando em quase quinhentas páginas o mundo fictício do grande romancista. Isso em nada diminui o mérito ou o interesse do registro amadiano, mas mostra que o nosso "sentido das obras de referência" é ainda tão atrofiado que mesmo as existentes desaparecem na indiferença e no esquecimento.

Dos 3.358 nomes de personagens, reais ou fictícias, animais e aves com nomes próprios e localidades referidas na obra de ficção de Jorge Amado, 536 pertencem à primeira categoria, 26 à segunda e 200 à terceira; o romancista criou 2.466 personagens, das quais 1.783 com nome próprio, 130 com nomes duplos e 683 anônimas. Essas estatísticas têm outro interesse que a simples curiosidade: elas provam que todo grande criador de ficção reescreve a seu modo a comédia humana e que Balzac está longe de ocupar na história literária o lugar incomparável que lhes reservam os seus entusiastas. É curioso acentuar que, em Jorge Amado, as personagens anônimas concorrem talvez mais do que as nominadas para introduzir na história a dimensão humana e o ingrediente de verossimilhança: assim, aquela "adolescente", passageira do Ita sob o comando de Vasco Moscoso de Aragon, e que, na víspera disputada entre os passageiros, ganhou o chaveiro de prata "após o desempate, na base da bola mais alta", com dois jogadores que haviam completado ao mesmo tempo; ou o menino "pálido e triste" que serve no botequim Lanterna dos Afogados, na zona portuária da Bahia, enquanto "recolhe num prato de flandres moedas" dos fregueses para o "cego que geme no violão e é seu pai". Este, pertence ao mundo de **Jubiabá**; em **São Jorge dos Ilhéus**, há um mascote que "tentava, apesar dos solavancos do ônibus", em viagens de Ilhéus para Guaraci, "vender ali mesmo seus berliques e berloques papagueando em sua língua atrapalhada". O dicionário levantado por Paulo Tavares abre-nos, assim, inesperadamente, uma visão nova da obra do romancista, revelando aspectos da técnica e da estrutura que passam despercebidos na leitura comum. Isso é tanto mais significativo quanto Jorge Amado viveu grande parte de sua carreira diluindo as fortes personalidades nas tintas mais fortes dos grandes quadros de conjunto; assim, personagens aparentemente "secundárias" e, como vimos, até anônimas, podem adquirir uma significação profunda nas perspectivas globais do romance. Ao mesmo tempo, como o seu instinto do pitoresco é extremamente agudo, êle imediatamente confere uma identidade inconfundível mesmo àqueles tipos que apenas perpassam incidentalmente pelas páginas dos livros. Basta comparar, neste repertório, as diversas figuras que comparecem na rubrica de "policia" ou "norte-americano", nas quais o debuxo necessariamente convencional e estereotipado contém, entretanto, a parcela de personalidade que lhes dá credibilidade.

A estante dos nossos instrumentos de investigação literária apenas começa a povoar-se, mas já não se pode dizer que continua vazia. A reedição de Sacramento Blake é, nesse particular, extremamente expressiva: ela mostra que a literatura brasileira já atingiu aquele desenvolvimento orgânico que não dispensa a integração do passado no presente e que os dicionários, por sua própria definição, se destinam a concretizar.